

PE-047 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS MALFORMAÇÕES CONGÊNITAS CARDIOVASCULARES EM RECÉM-NASCIDOS NA REGIÃO SUL DE 2017 A 2022

Isadora Medeiros de Almeida¹, Lucas Mariano Pinheiro¹, Carolina Marsiglia Lucini¹, Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes¹, Natália Camila Smidt¹, Eduarda Ortiz Avila de Araujo¹, Virgínia Tafas da Nóbrega²

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

Introdução: O presente estudo busca investigar a incidência e a distribuição das malformações congênitas cardiovasculares na região Sul do Brasil. Esta análise é de suma importância para orientar a alocação de recursos e o desenvolvimento de estratégias de manejo e tratamento, com vistas a melhorar os resultados de saúde pública para os recém-nascidos afetados por tais condições. **Objetivos:** Avaliar a tendência temporal da incidência de anomalias congênitas cardiovasculares na região Sul do Brasil entre 2017 e 2022. **Metodologia:** Realizou-se um estudo descritivo, retrospectivo e quantitativo com base nos dados secundários fornecidos pelo Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC) entre 2017 e 2022. Neste estudo, os dados referem-se a nascidos vivos que apresentaram anomalias congênitas cardiovasculares conforme ao CID 10 (Q21) e CID 10 (Q24-27). **Resultados:** Na região Sul do Brasil, foram notificados 2643 casos nesse período. O ano de maior número de notificações foi 2022, com 528 registros de nascidos vivos com esse tipo de malformação congênita. Nesse sentido, o estado que mais notificou nascidos vivos com Malformações Congênitas Cardiovasculares foi o Rio Grande do Sul (45,06%), seguido pelo Paraná (31,02%) e Santa Catarina (23,91%). Quanto à distribuição entre os raça/cor: 80,5% brancos, 13,7% pardos, 4,9% pretos, 0,9% amarelos, indígenas e nulos. Dentre 5 as malformações congênitas cardiovasculares mais notificadas entre recém-nascidos na região sul foram: outras malformações congênitas do coração (39,9%), malformações congênitas dos septos cardíacos (17,5%), outras malformações congênitas do sistema vascular periférico (12,8%), malformações congênitas das câmaras e das comunicações cardíacas (9,3%) e malformações congênitas das grandes artérias (8,5%). Nesse sentido, o peso dos nascidos vivos com maior prevalência foi 2.500 g ou mais (67,85%), seguido por 1.500 a 2.499 g (24,04%) e menores de 1.500 g (8,11%). No período analisado, verificou-se 1.262 óbitos por malformações congênitas cardiovasculares, com maior predominância no estado do Rio Grande do Sul (41,83%). **Conclusão:** A partir dos resultados apresentados, destaca-se a predominância do Rio Grande do Sul no número de óbitos por malformações congênitas. Além disso, os resultados destacam a necessidade urgente de direcionar recursos e estratégias de manejo e tratamento para enfrentar esse desafio de saúde pública, especialmente considerando o peso dos RN, o número significativo de óbitos registrados e os tipos de malformações congênitas cardiovasculares.

PE-048 - PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA DENGUE EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE ATÉ 14 ANOS NOS ÚLTIMOS 5 ANOS NO BRASIL

Isadora Medeiros de Almeida¹, Lucas Mariano Pinheiro¹, Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes¹, Carolina Marsiglia Lucini¹, Natália Camila Smidt¹, Eduarda Ortiz Avila de Araujo¹, Virgínia Tafas da Nóbrega²

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

Introdução: A dengue é uma doença viral transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti* que afeta, na grande maioria dos casos, crianças com menos de 15 anos de idade. Nesse contexto, esse grupo apresenta grande risco, visto que infecções secundárias de dengue heteróloga têm maior probabilidade de desenvolver a forma grave da doença. O presente estudo destaca o perfil epidemiológico infantil da doença no Brasil incluindo critérios como região, faixa etária, sexo, critério confirmatório da doença e evolução do quadro clínico. **Objetivos:** Depreender sobre o perfil epidemiológico da Dengue em pacientes de até 14 anos de idade nos últimos 5 anos no Brasil. **Metodologia:** Trata-se de um estudo retrospectivo transversal, com abordagem quantitativa e descritiva, coletados através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram incluídos indivíduos com menos de 1 ano até 14 de idade, residentes no Brasil, que contraíram dengue clássica e febre hemorrágica devido ao vírus da dengue, CID-10 intervalo A90 e A91, respectivamente. **Resultados:** Os dados obtidos pontuaram o registro de 18.305.530 casos de Dengue Clássica e Hemorrágica no Brasil, nos últimos 5 anos, tendo a região Nordeste (38,7%) como a região de maior porcentagem de casos notificados, seguida das regiões Sudeste (26%), Centro Oeste (18,27%), Norte (9,03%) e Sul (8%). O sexo masculino apresentou prevalência nas internações (55,11%) em relação ao feminino (44,89%). Quanto a faixa etária, 36,19% dos casos ocorreram na faixa de 10 a 14 anos, seguida por 5 a 9 anos (35,56%), 1 a 4 anos (18,02%), e menores de 1 ano (10,23%). Quanto ao critério confirmatório, o mais utilizado foi o critério clínico-epidemiológico (55,73%) seguido pelo critério laboratorial (44,27%). No âmbito de evolução do quadro clínico, a maioria dos casos evoluíram para a cura (99,94%) e apenas 248 casos evoluíram para o óbito por agravamento da doença, os outros eventualmente tiveram óbito por outra causa ou a causa do óbito permaneceu sem registros. **Conclusão:** Por fim, salienta-se a necessidade de implementação de estratégias de saúde pública no enfrentamento da Dengue, isso é evidente diante das constatações que revelam possíveis lacunas na notificação e/ou preenchimento inadequado dos registros. Destaca-se o incremento de ocorrências na faixa etária infantil, enfatizando a importância do registro preciso, fortalecimento das iniciativas preventivas já em vigor e investimentos direcionados à saúde pública para mitigar os focos de proliferação do vetor da doença.